

---

**UMA LEITURA DO CONCEITO DE CAPITALISMO NA LONGA DURAÇÃO: AS CONTRIBUIÇÕES DE FERNAND BRAUDEL, IMMANUEL WALLERSTEIN E GIOVANNI ARRIGHI**

**A READING OF THE CONCEPT OF LONGUE-DUREE CAPITALISM: THE CONTRIBUTIONS OF FERNAND BRAUDEL, IMMANUEL WALLERSTEIN AND GIOVANNI ARRIGHI**

**UNA LECTURA DEL CONCEPTO DE CAPITALISMO DE LONGUE-DUREE: LAS CONTRIBUCIONES DE FERNAND BRAUDEL, IMMANUEL WALLERSTEIN Y GIOVANNI ARRIGHI**

**Leonardo Antonio Silvano Ferreira<sup>1</sup>**  
*leonardossilvanoferreira@gmail.com*

**Fábio Luiz Zanardi Coltro<sup>2</sup>**  
*fzcoltro@gmail.com*

**RESUMO:** O objetivo do artigo é fazer uma leitura, a partir de um breve diálogo com os autores, Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, sobre o conceito de capitalismo na longa duração. O estudo consiste em demonstrar as contribuições conceitual e metodológica destes autores, para se pensar e compreender a constituição do capitalismo em suas análises de sistema-mundo, que se fundamentam empiricamente. O objetivo consiste em compreender as características e a dinâmica do capitalismo nos dias atuais, a partir da perspectiva do conceito de capitalismo histórico. Para tanto, iremos percorrer uma análise sobre a concepção da dinâmica do capitalismo em Fernand Braudel, seguido pela compreensão do conceito de capitalismo histórico, de acordo com Immanuel Wallerstein, e, por fim, analisar a perspectiva dos ciclos sistêmicos de acumulação, de acordo com Giovanni Arrighi.

**PALAVRAS CHAVE:** Capitalismo. Capitalismo histórico. Ciclos sistêmicos de acumulação. Trabalho.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to read, from a brief dialogue with the authors, Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein and Giovanni Arrighi, on the concept of long-term capitalism. The

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (2014). Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília. Estudante do Núcleo de Estudos de Ontologia Marxiana – Trabalho, Sociabilidade e Emancipação humana da Universidade Estadual Paulista (NEOM/UNESP) e membro pesquisador do Grupo de Estudos sobre Novas Tecnologias e Trabalho da Universidade Estadual de Londrina (GENTT/UEL). Docente do sistema de Ensino à Distância-EAD na Universidade Pitágoras Unopar, e Universidade Uniderp – Anhanguera. Professor de Sociologia na educação básica da Secretaria da Educação e do Esporte do Estado do Paraná.

<sup>2</sup> Mestre em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual de Londrina (2005), Doutor em Geografia pela UEL - Universidade Norte do Paraná e University of Cambridge (UK). Docente do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (PPGA - UEL). Tem atuado na área de pesquisa em relações humano-animal, principalmente nos seguintes temas: Animal Geographies, Meio Ambiente, Capitaloceno.

study consists of demonstrating the conceptual and methodological contributions of these authors, to think and understand the constitution of capitalism in their analyzes of the world-system, which are empirically based. The objective is to understand the characteristics and dynamics of capitalism today, from the perspective of the concept of historical capitalism. To do so, we will go through an analysis of the concept of capitalism dynamics in Fernand Braudel, followed by an understanding of the concept of historical capitalism, according to Immanuel Wallerstein, and, finally, analyzing the perspective of systemic accumulation cycles, according to Giovanni Arrighi.

**KEY-WORDS:** Capitalism. Historical capitalism. Systemic cycles of accumulation. Work.

**RESUMEN:** El objetivo de este artículo es leer, a partir de un breve diálogo con los autores, Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein y Giovanni Arrighi, sobre el concepto de capitalismo a largo plazo. El estudio consiste en demostrar las contribuciones conceptuales y metodológicas de estos autores, para pensar y comprender la constitución del capitalismo en sus análisis del sistema mundial, que tienen una base empírica. El objetivo es comprender las características y dinámicas del capitalismo actual, desde la perspectiva del concepto de capitalismo histórico. Para hacerlo, analizaremos el concepto de dinámica del capitalismo en Fernand Braudel, seguido de una comprensión del concepto de capitalismo histórico, según Immanuel Wallerstein, y, finalmente, analizaremos la perspectiva de los ciclos de acumulación sistémica, de acuerdo con Giovanni Arrighi.

**PALABRAS CLAVE:** Capitalismo. El capitalismo histórico. Ciclos de acumulación sistémica. Trabajo.

## INTRODUÇÃO

Pretendemos neste artigo, refletir sobre as contribuições do conceito de capitalismo na longa duração ao debate teórico-metodológico sobre as formas, ciclos, etapas da história econômica das civilizações ocidentais e de outras sociedades, num marco histórico que compreende desde a passagem do feudalismo para o capitalismo. Nesta perspectiva, a história é feita de rupturas e de continuidades não havendo um aspecto apenas, isoladamente do curso da história, como fator determinante para as mudanças de um sistema econômico, político e social.

Buscamos compreender as explicações sobre a dinâmica do capitalismo, mediante uma leitura da perspectiva de compreensão do sistema mundo ou economia política do sistema mundo, segundo a perspectiva do historiador Fernand Braudel, em sua obra, *A dinâmica do capitalismo*. A partir de estudos empíricos sobre a economia de mercado desde meados do século XIV, que se intensificam nos séculos seguintes, apresentando as características do capitalismo presentes nesta temporalidade histórica.

Em seguida, analisaremos o conceito de capitalismo histórico e de sistema mundo sob a perspectiva de Immanuel Wallerstein, a fim de elucidar o seu entendimento sobre a forma centrípeta com que se organiza a economia mundo. A compreensão de capitalismo corresponde a um fenômeno, na qual o cientista deve procurar compreender as suas

origens históricas. Temos como objetivo analisar a relevância atribuída por Immanuel Wallerstein sobre a mercantilização dos processos, da produção e dos investimentos, como fatores essenciais para o desenvolvimento da economia capitalista, cujos valores se caracterizam pela intenção racional em maximizar a acumulação.

Por fim, buscaremos compreender as contribuições de Giovanni Arrighi para se pensar os ciclos sistêmicos de acumulação do capital, que se inicia com o ciclo genovês, seguido pelo das províncias unidas (holandeses), e depois, pelo ciclo de acumulação dos britânicos, até chegar ao ciclo dos americanos, que ainda prevalece nos dias atuais. Analisaremos as explicações de Arrighi sobre a adaptação e as mudanças que ocorrem no capitalismo, na perspectiva de longa duração, a partir dos sucessivos ciclos sistêmicos de acumulação. Veremos que o objetivo de Arrighi consiste em descrever a formação, a consolidação e a desintegração dos sucessivos regimes, nos quais a economia capitalista mundial se expandiu, a partir de uma abordagem desde o fim da Idade Média até sua dimensão global da atualidade.

## **FERNAND BRAUDEL E A DINÂMICA DO CAPITALISMO**

O objetivo de Braudel é entender o capitalismo histórico, em sua longa duração. O autor se propõe, contrapondo-se as teorias que apontam uma tendência a um modo explicativo *a priori*, ou seja, uma narrativa histórica objetiva, com um fim em si próprio. Pode-se compreender, nesse sentido, que Braudel, do ponto de vista metodológico nas Ciências Sociais, parte como ponto de partida do aspecto subjetivo e objetivo em analisar as relações sociais. Para Braudel, o tempo é inapreensível, isto é, não é possível tecer uma narrativa histórica, mesmo que do ponto de vista da transformação social, em análises sobre a sociedade<sup>3</sup>. Segundo o autor, nesta abordagem, falta a compreensão do processo histórico, onde não é possível de se trabalhar com o conceito de tempo único. Nesse sentido, Braudel sugere trabalhar com temporalidades, caracterizada por um fenômeno que exige um corte temporal<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Nesta perspectiva de Braudel, como exemplos trabalhados em aula, o positivismo é uma ciência objetiva importada dos europeus.

<sup>4</sup> Quando se pensa o tempo em seu movimento e sua velocidade, Braudel sugere refletir sobre as temporalidades, as continuidades e as rupturas/mudanças do tempo. Quanto às temporalidades, entende-se como fatos, os movimentos de curta duração; como conjuntura, os movimentos de média duração; e, como estrutura, os movimentos de longa duração.

Braudel estudou a estrutura histórico-econômica dos séculos XV e XVI a partir de uma análise do Mediterrâneo e as relações sociais que se estabeleciam, para se pensar o capitalismo, numa perspectiva de longa duração. Nesta abordagem, por exemplo, sob o enfoque a “história tradicional”, o capitalismo se consolidou com a Revolução Industrial, sendo que, anteriormente a isso, se chamava de formação econômica pré-capitalista, ou, no máximo, de fase de capitalismo comercial. Ao criticar a historiografia que valoriza os grandes atores da história dos grandes acontecimentos, a história da conjuntura e das crises, Braudel escolhe como foco de análise, os “equilíbrios e desequilíbrios a longo prazo”. (BRAUDEL, 1987, p. 6).

O que me parece primordial na economia pré-industrial, com efeito, é a coexistência das rigidezes, inércias e ponderosidades de uma economia ainda elementar, com os movimentos limitados e minoritários mas vivos, mas possantes, de um crescimento moderno. De um lado, os camponeses em suas aldeias que vivem de um modo quase autônomo, quase em autarquia; do outro, uma economia de mercado e um capitalismo em expansão, que se dilatam imperceptivelmente, se forjam pouco a pouco, já prefiguram o próprio mundo em que vivemos. Portanto, dois universos, pelo menos, dois gêneros de vida estranhos um ao outro e cujas massas respectivas se explicam, entretanto, uma pela outra (BRAUDEL, 1987, p. 6).

Com efeito, todas as palavras postas em destaque – inconsciente, cotidianidade, estruturas, profundidade – são por si mesmas obscuras, de acordo com Braudel (1987, p. 6), ou seja, não há uma precisão conceitual. Desta forma, Braudel parte do cotidiano da vida, do hábito, da rotina, dos mil gestos que florescem cujo objetivo consiste em captar o “sentido” da *vida material*. Um dos aspectos ressaltados por Braudel para se pensar a longa duração do capitalismo, é a questão da evolução técnica.

Não é essa uma atividade rente ao chão, conservadora por essência, de transformação lenta, e que a ciência (que e a sua superestrutura tardia) recobre devagar, quando a recobre? As grandes concentrações econômicas pedem as concentrações de meios técnicos e o desenvolvimento da tecnologia: assim ocorreu com o Arsenal de Veneza no século XV, com a Holanda no século XVII, com a Inglaterra no século XVIII. E de todas as vezes a ciência, por mais balbuciante que fosse, estará presente ao encontro. Aí é conduzida à força. (BRAUDEL, 1987, p. 10).

Sobre o que entende por economia de mercado, Braudel (1987) procura analisar, mediante um estudo empírico a partir de documentos da época, que as mercadorias sujeitas ao valor de troca, já estavam presentes nos antigos burgos, o que se impõe à ideia de *vida*

*material*. A *vida material*, portanto, leva ao que denomina de *vida econômica*, cujas relações sociais e econômicas se voltavam também para o mercado como, por exemplo, o desenvolvimento de *Veneza*<sup>5</sup>.

Estas são as bases em que Braudel (1987, p. 12) pretende analisar acerca do desenvolvimento da economia de mercado e de uma superestrutura naquele contexto, na qual se realiza, sobretudo pela chegada de metais preciosos e de outras matérias-primas das Américas, fazendo com que se circulasse naquela economia de mercado um vultoso sistema de trocas. Para Braudel, o desenvolvimento econômico já tem seus primórdios na realização de feiras e de trocas comerciais, ainda que, não tão pujantes como em séculos seguintes, mas com um significativo sistema de relações de troca.

Mas, detenhamo-nos nessas enumerações. Simplificando, distinguiamos dois registros da economia de mercado: um registro inferior, os mercados, as lojas, os camelôs; um registro superior, as feiras e as Bolsas. Primeira pergunta: Em que e que esses instrumentos da troca podem ajudar-nos a explicar, de um modo geral, as vicissitudes da economia européia de Ancien Régime, entre os séculos XV e XVIII? Segunda pergunta: Em que, por semelhança ou por contraste, podem eles elucidar, para nós, os mecanismos da economia não-européia, da qual apenas se começa a conhecer alguma coisa? São estas as duas questões a que desejaríamos responder, na conclusão da presente conferência. (BRAUDEL, 1987, p. 11).

Em se tratando do conceito de economia de mercado, de acordo com Braudel, a existência de mercados, lojas ou camelôs, já estavam presentes, por exemplo, na Antuérpia, em Berg-op-Zoom, Frankfurt, Medina del Campo, Lyon ou Besançon<sup>6</sup>, no contexto dos séculos XV ao XVIII. Braudel aponta que este robusto desenvolvimento do século XVI<sup>7</sup> seria “a exuberância de um último patamar, de uma superestrutura e, ao mesmo tempo, a proliferação dessa superestrutura” (BRAUDEL, 1987, p. 13). Esta superestrutura, de acordo com Braudel, se incha com a chegada de metais preciosos provenientes das Américas. Há, segundo observações empíricas, um sistema de trocas, que fez com que, se circulasse alguma massa de papel e de crédito, de forma cada vez mais rapidamente,

---

<sup>5</sup> Entretanto, Braudel desta que “essa frágil obra-prima dos banqueiros genoveses desmoronará na década de 1620, por mil razões ao mesmo tempo”. (BRAUDEL, 1987, p. 12).

<sup>6</sup> Naquele contexto de economia de mercado presentes em regiões europeias no século XVI e XVII, os genoveses eram os “senhores incontestáveis dos movimentos operários internacionais” (BRADUEL, 1987, p. 12). As feiras de Besançon eram de “extrema sofisticação, reduzidas aos tráficos do dinheiro e do crédito, e instrumento, durante pelo menos uma quarentena de anos, de 1579 a 1621” (BRADUEL, 1987, p. 12).

<sup>7</sup> Braudel mostra que Raymond de Roover não hesitou em caracterizar o século XVI como o apogeu das enormes feiras.

fazendo com que se desmoronasse, por inúmeras razões, o domínio dos banqueiros genoveses. De acordo com Braudel, o século XVII foi de estagnação econômica, ou seja, um marasmo econômico, ainda que a vida ativa observada em feiras e negócios econômicos da Europa se expandiu para todo o Atlântico. Há que se observar, segundo Braudel, que, paralelamente à queda deste ciclo econômico sistêmico, há a ascensão de outro ciclo, como o de Amsterdam.

Ao longo do século XVIII, onde ocorre um processo de aceleração econômica, os instrumentos de troca estão disponibilizados na forma de serviços<sup>8</sup> também. Outro aspecto importante que Braudel levanta, corresponde aos mercados e mecanismos de troca nas diversas regiões do globo, para além da Europa, como por exemplo, África, Índia, China e Japão. Isto é, o autor procura desmontar aquela perspectiva da história que analisa que os sistemas de mercado ocorreram a partir da eclosão da Revolução Industrial.

Em resumo, se a comparamos com as economias do resto do mundo, a economia europeia parece ter ficado devendo seu desenvolvimento mais célebre à superioridade de seus instrumentos e de suas instituições: as Bolsas e as diversas formas de crédito. Mas, sem uma única exceção, todos os mecanismos e artifícios da troca se reencontram fora da Europa, desenvolvidos e utilizados em graus diversos, e pode-se aí discernir uma hierarquia: no estágio quase superior, o Japão; talvez a Insulíndia e o Islã; certamente a Índia, com sua rede de crédito desenvolvida pelos mercadores banianos, sua prática de empréstimo de dinheiro às iniciativas arriscadas, seus seguros marítimos; no estágio inferior, habituada a viver voltada para si mesma, a China; e, finalmente, logo abaixo dela, milhares de economias ainda primitivas. O fato de estabelecer uma classificação entre as economias do mundo não é isento de significado. (BRAUDEL, 1987, p. 14-5).

De acordo com Braudel (1987), as características do capitalismo, enquanto sistema de relações sociais e econômicas do modo como encontramos hoje, já estão presentes desde meados do século XV ao século XVIII. As características observadas neste contexto são: o capitalismo, com a característica do aumento de lucros e de acumulação, na qual se subdivide nas fases de produção, circulação e de finanças; a fase do mercado, lucro/contido “oferta e procura”; e a utilização material, troca simples.

---

<sup>8</sup> Para Braudel “[...] as Bolsas ampliam suas atividades, Londres imita e tenta suplantam Amsterdam, que tende agora a especializar-se como a grande praça dos empréstimos internacionais, enquanto que Genebra e Gênova participam nesses jogos perigosos, Paris anima-se e começa a afinar pelo diapasão geral, o dinheiro e o crédito correm assim cada vez mais livremente de um lugar para outro. Nesse ambiente, é natural que as feiras saiam perdendo: feitas para ativar as transações tradicionais pela outorga de vantagens fiscais, entre outras, elas perdem sua razão de ser em período de trocas e de crédito fáceis” (BRAUDEL, 1987, p. 12).

Em defesa de uma perspectiva do processo histórico, na qual se analisa a história das economias de mercado, Braudel fala sobre a dinâmica da vida material de uma determinada realidade. A economia de mercado se ampliou incessantemente, segundo o autor, ao longo dos séculos XV e XVIII. A movimentação dos preços de mercados na Europa coexistiu de acordo com observação, no Japão, na China, na Índia e na América (Brasil e Peru). Isto é, se percebe que esta economia de mercado se caracteriza por um encadeamento de umas nas outras.

Para usar uma de suas imagens, e importante olhar sempre para o fundo do poço, até a massa profunda da água, da vida material que os preços do mercado tocam mas não penetram e nem sempre agitam. Toda a história econômica que não seja de duplo registro – a saber, a saída do poço e o poço em profundidade – corre também o risco de ser terrivelmente incompleta. (BRAUDEL, 1987, p. 17-8).

Para Braudel, as etapas do “desenvolvimento” do capitalismo não foi etapista, ou seja, primeiro o capitalismo comercial, depois, o capitalismo industrial, e, depois, o financeiro. É preciso analisar, do ponto de vista metodológico, os processos históricos da transição na longa duração do vilarejo, passando pelos burgos, para as feiras e por fim, para os mercados. Com vistas a pensar a temporalidade histórica de acontecimentos que demarcam as sociedades capitalistas, Braudel exemplifica a partir dos exorbitantes lucros obtidos pela embarcação de Cabral no contexto de “descobrimto” das Américas.

Neste processo de capitalismo de longa duração, para Braudel, se observa uma tendência de deslocamento dos grandes centros hegemônicos que se figuraram no topo das relações de poder econômico e político, numa lógica em que a economia mundial se organiza em periferia, semiperiferia e centro. Nesta abordagem metodológica, o economista Giovanni Arrighi, procura desenvolver sua explicação no que denomina de ciclos sistêmicos de acumulação. Podemos compreender que Braudel se preocupa em analisar a dinâmica do capitalismo, cujo objetivo consiste em passar pelo conceito de capitalismo de longa duração para que seja possível compreender as suas permanências e mudanças. Nestas relações, deve-se abordar o aspecto subjetivo, presentes nos níveis da vida material, da economia e de mercado.

De acordo com Braudel, a respeito do “mito” da revolução industrial, não se observa as grandes rupturas na história, uma vez que se trata de um conjunto de mudanças na produção, mas que está atrelada às outras economias. O triunfo do capitalismo, do ponto de vista da hegemonia política e econômica, ocorre quando ele (o capitalismo) se

torna Estado<sup>9</sup>. Nesta perspectiva metodológica, o capitalismo deve ser pensado a partir de um conjunto de estratégias articuladas para a acumulação de capital, ao longo de sua processualidade histórica. Braudel, aponta um questionamento para reflexão: como podemos distinguir capitalismo e economia de mercado? Deixemos o autor, com suas próprias palavras, na qual, “[...] jamais existe entre passado, mesmo passado longínquo, e tempo presente uma ruptura total, uma descontinuidade absoluta ou, se preferirem, uma não-contaminação”. Apesar de reconhecer que capitalismo se diferencia da economia de mercado, o autor sugere que as “experiências do passado não cessam de prolongar-se na vida presente, de fecundar” (BRAUDEL, 1987, p. 19).

Esta perspectiva metodológica de Braudel, no entanto, afirma que a revolução industrial se anuncia muito tempo antes do século XVIII, embora o autor afirme que o capitalismo se inicia no começo do século XX<sup>10</sup>. Preocupado em distinguir conceitualmente os termos, capital – “realidade tangível, massa de meios facilmente identificáveis, permanentemente em ação” –, e, capitalista – “o homem que preside ou procura presidir à inserção do capital nos processos incessantes de produção a que todas as sociedades estão condenadas” (BRAUDEL, 1987, p. 19), o autor mostra que o termo capital, assumiu o sentido apoiado em bem de capital. O bem de capital, nestas circunstâncias, corresponde aos resultados do trabalho realizado, necessário a produção de algo<sup>11</sup>.

O capitalismo corresponde à maneira como se conduz o que denomina de “jogo constante” de inserção de capital, de acordo com Braudel<sup>12</sup> (1987, p. 19), com o objetivo de acumular algum tipo de patrimônio ao longo de alguns anos. Com vistas à distinção entre os conceitos de capitalismo e de economia de mercado, segundo Braudel, há pelo menos duas formas do que denomina deste último. Neste esforço intelectual (e empírico) Braudel utiliza a economia de mercado de um burgo como exemplo, na qual, se observa, por um lado, as trocas cotidianas do mercado, os tráficos locais ou a pouca distância, que são transparentes em certa medida; por outro lado, ocorrem as trocas que não são tão

---

<sup>9</sup> Segundo Wallerstein, não dá para imaginar que o capitalismo começou somente com o advento da mão de obra assalariada. Nesse sentido, Wallerstein sugere a análise das estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais, afirmando ser preciso analisar o processo histórico.

<sup>10</sup> Vejo-o no lançamento verdadeiro, com um pouco de arbitrário, em 1902, do muito conhecido livro de Werner Sombart, *Der moderne Kapitalismus* (BRAUDEL, 1987, p. 19).

<sup>11</sup> Braudel utiliza vários casos a fim de demonstrar esta explicação, como por exemplo, uma casa é um capital (BRAUDEL, 1987, p. 19).

<sup>12</sup> Em seguida, o autor o sugere a seguinte pergunta: “[...] haverá uma única sociedade, até onde chega o nosso conhecimento, que não tenha acumulado, que não acumule bens de capital, que não os utilize. regularmente para o seu trabalho e que, pelo trabalho, não os reconstitua e não os faça frutificar? (BRAUDEL, 1987, p. 19).

transparentes assim, ou seja, estas trocas são mais obscuras e se percebe a existência de intermediários e atravessadores, que vão dando outras características à economia de mercado. Nestes exemplos, Braudel procura identificar a dificuldade de se precisar temporalmente, a diferença entre economia de mercado e capitalismo, ou seja, “a realidade econômica nunca se apoia em corpos simples” (BRAUDEL, 1987, p. 20).

Avançando na hierarquia das trocas, o capitalismo, evidentemente diferentemente em relação ao de economia de mercado, acaba sendo o sistema econômico que se desenha predominantemente na “esfera de circulação”. Este tipo de economia de troca, substitui, gradativamente, as condições “normais” do mercado coletivo, pois se trata da emergência das trocas desiguais, na qual a concorrência encontra certas dificuldades. De acordo com Braudel, “as extensas cadeias mercantis estendem-se entre a produção e o consumo e foi certamente a sua eficácia que as impôs, em especial para o abastecimento das grandes cidades, e o que incitou as autoridades a fecharem os olhos ou, pelo menos, a relaxar o controle” (BRAUDEL, 1987, p. 21).

As consideráveis acumulações de capital são derivadas dos grandes lucros obtidos pelo alongamento das cadeias mercantis<sup>13</sup>, segundo Braudel, ao passo que o comércio local, se manteve diretamente ligado ao valor de uso de uma mercadoria. Os grandes negociantes, desde muito cedo, conforme aponta Braudel (1987, p. 22), sempre ultrapassaram os limites “nacionais” e se entendem com os comerciantes de praças estrangeiras. Nestas circunstâncias, pode-se afirmar, segundo esta perspectiva que, “[...] é pela massa de seus capitais que os capitalistas estão em condições de preservar seus privilégios e de se reservar os grandes negócios internacionais da época” (BRAUDEL, 1987, p. 22), isto consiste em dizer que, esses capitais se deslocam.

Resumindo: dois tipos de troca; um terra-a-terra, competitivo, pois que transparente; o outro superior, sofisticado, dominante. Não são os mesmos mecanismos nem os mesmos agentes que regem esses dois tipos de atividade, e não é no primeiro mas no segundo que se situa a esfera do capitalismo. [...] não se distingue capitalismo e economia de mercado, e porque um e outra progrediram na mesma cadência, da Idade Média aos nossos dias, e por que se apresentou frequentemente o capitalismo como o motor ou o apogeu do progresso econômico. Na realidade, tudo é transportado nas costas enormes da vida material: ela incha, tudo avança rapidamente; apropriada economia de mercado incha às suas custas

---

<sup>13</sup> Para Braudel, somente os grandes comerciantes praticam e concentram em suas mãos os lucros anormais. Os negociantes, que se destacam dentre os comerciantes, é um fenômeno presente em diversas regiões do globo (no Islã, o *tayir*; na Índia, o *sogador*), antes mesmo dos negociantes da Europa ocidental. (BRAUDEL, 1987, p. 21).

num abrir e fechar de olhos, amplia suas ligações. Ora, dessa extensão, dessa ampliação, o capitalismo é sempre o beneficiário. (BRAUDEL, 1987, p. 23-4).

Como vimos, segundo Braudel (1987, p. 24), o triunfo do capitalismo ocorre quando este se torna Estado. O Estado moderno herdou o capitalismo<sup>14</sup> e não o criou. De igual maneira, as questões relacionadas à cultura, na qual, a Reforma Protestante<sup>15</sup>, adequou a religião ao Estado moderno (BRAUDEL, 1987, p. 24-5). O escoamento da economia de mercado para o Mediterrâneo no final XVI introduziu uma mudança, em escala gradativa, ampliando as trocas de mercadorias “a favor da nova supremacia do Atlântico”. Isso levou a um esboço denominado das primeiras formas do que viria a ser mais tarde capitalismo.

[...] Os países do Norte nada mais fizeram do que tomar o lugar ocupado por muito tempo e brilhantemente, antes deles, pelos velhos centros capitalistas do Mediterrâneo. Os nórdicos nada inventaram, nem na técnica, nem na condução dos negócios. Amsterdam copiou Veneza, tal como Londres copiará Amsterdam, tal como Nova Iorque copiará Londres. O que está em jogo, de cada vez, e o deslocamento do centro de gravidade da economia mundial por razões econômicas, e que não envolvem a natureza própria ou secreta do capitalismo. [...] (BRAUDEL, 1987, p. 25).

É justamente nesse sentido, que Braudel entende que o capitalismo se desenvolve ao passo que ocorre estes deslocamentos do centro da gravidade da economia mundial, na perspectiva de ciclos históricos sistêmicos, como posteriormente explora Arrighi (1996). Esta perspectiva metodológica, cuja compreensão dos fenômenos sociais e suas especificidades se voltam para uma análise a partir do indivíduo e suas relações sociais. Isto é, se percebe uma relação com a compreensão de Max Weber sobre a ação social, na qual

---

<sup>14</sup> Acerca das relações entre capitalismo e Estado, de acordo com Braudel: “Em sua primeira grande fase, nas cidades-Estados da Itália, em Veneza, em Gênova, em Florença, e a elite do dinheiro quem detém o poder. Na Holanda, no século XVII, a aristocracia dos Regentes governa no interesse e inclusive de acordo com as diretrizes traçadas pelos homens de negócios, negociantes e administradores de fundos. Na Inglaterra, a revolução de 1688 marca analogamente um advento dos negócios à holandesa. A França está atrasada em mais de um século: e com a revolução de julho de 1830 que a burguesia comercial se instala, enfim, confortavelmente no governo”. (BRAUDEL, 1987, p. 25).

<sup>15</sup> Na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber analisa algumas características importantes tendo como base a relação da Reforma Protestante e ascensão do capitalismo: a relação entre religião e sociedade se dá pelos valores das pessoas que são transformados em motivos da ação social, ou seja, a motivação do protestante corresponde ao próprio trabalho enquanto vocação e dever, e não como fim em si mesmo, não como o ganho obtido através dele, e, esta mobilização das pessoas é algo consciente praticado pelos indivíduos. Para sair-se bem na profissão, para revelar assim sua vocação e virtude, o protestante renuncia aos prazeres materiais e adapta-se facilmente ao mercado de trabalho; os valores do protestantismo indicam que há uma tendência ao racionalismo econômico, que corresponde à base do capitalismo; os estudos de Weber sobre as diversas características das atividades econômicas na história antes e depois das atividades mercantis e industriais levaram a construção do conceito de tipo ideal de capitalismo ocidental moderno.

contribui para o método sociológico se voltar mais para a compreensão das mudanças sociais mediadas a partir do conjunto das ações individuais.

Ao refletir sobre a hierarquia e a formação de grupos sociais ou classes, Braudel aponta que a antiga nobreza feudal, juntamente com a grande burguesia mercantil, por exemplo, constituía-se como uma única classe, expressando o poder político e econômico naquele contexto. Esta classe já estava presente em Florença no final do século XIV. Por isso, faz-se fundamental, a compreensão da história da burguesia como “criadora e/ou utilizadora da espinha da hierarquia que será a espinha dorsal do capitalismo” (BRAUDEL, 1987, p. 25), em que, analisa-se mediante os seus processos históricos<sup>16</sup>. Para demonstrar a existência do fenômeno de economia de mercado em ascensão, que constitui o próprio êxito do capitalismo, para além de uma perspectiva histórica com viés eurocêntrico, Braudel observa que uma posição hierárquica de dominação e o privilégio do dinheiro para alguma das classes, estão presentes no Islã e na China, embora com características diferentes da Europa. Em outras palavras, de acordo com o autor, é preciso que haja condições sociais favoráveis para que ocorra o surto do capitalismo<sup>17</sup>.

Nos estudos sobre o tempo do mundo, Braudel afirma que, no plano estrutural, as coisas continuam a mesma, pois se as relações sociais se formam sobre o signo das desigualdades, entre os “privilegiados” e os “não-privilegiados”. Nesse sentido, o autor apoia-se no conceito de economia-mundo, em que entende a “economia de somente numa porção do nosso planeta, na medida em que essa porção forma um todo econômico” (BRAUDEL, 1987, p. 29). Este conceito pode ser definido, segundo Braudel, pela sua ocupação em um determinado espaço geográfico dado, onde as experiências tem mostrado que há uma aceitação de um polo, de uma cidade dominante, e, por se repartir em zonas sucessivas. A ideia de economia-mundo aponta a existência de economias que coexistam entre si, onde se situam em um determinado espaço povoado.

---

<sup>16</sup> Segundo Braudel, “a ‘burguesia’, ao longo dos séculos, terá parasitado essa classe privilegiada, vivendo perto dela, contra ela, tirando proveito de seus erros, de seu luxo, de sua ociosidade, de sua imprevidência, para se apoderar de seus bens – com freqüência, graças à usura –, introduzir-se finalmente em suas fileiras e, depois, aí se perder”. (BRAUDEL, 1987, p. 26).

<sup>17</sup> Sobre a necessidade de o capitalismo ter uma hierarquia, Braudel faz alguns questionamentos: “mas o que é uma hierarquia em si, aos olhos de um historiador que vê desfilar diante dele centenas e centenas de sociedades que têm todas suas hierarquias? Que resultam todas, na cúpula, em um punhado de privilegiados e de responsáveis. Verdade de ontem, na Veneza do século XIII, na Europa do Ancien Régime, na França de Thiers ou na de 1936, onde os slogans populares denunciavam o poder das “duzentas famílias”. (BRAUDEL, 1987, p. 27).

Pois desde antes de 1492, antes da viagem de Cristóvão Colombo, a Europa, mais o Mediterrâneo, com suas antenas voltadas na direção do Extremo Oriente, é também uma economia-mundo, centrada então nas glórias de Veneza. Ela se ampliará com as Grandes Descobertas, anexará o Atlântico, suas ilhas e suas margens, depois o interior, lento em conquistar, do continente americano; multiplicará também seus laços com as economias-mundos, ainda autônomas, que constituem então a Índia, a Insulíndia e a China. Ao mesmo tempo, na própria Europa, seu centro de gravidade deslocar-se-á do sul para o norte, para Antuérpia e depois Amsterdam, e não, sublinhe-se, para os centros do império hispânico ou português, Sevilha ou Lisboa. (BRAUDEL, 1987, p. 30).

Podemos compreender que estas economias-mundo constituem as bases do capitalismo europeu, na qual, se espalhou para o restante do mundo, embora, no âmbito das relações de poder, tenha prevalecido a hegemonia de determinados centros econômicos. Entretanto, ao longo do processo histórico destas economias, se percebe que ocorrem mudanças do centro “hegemônico” do capital<sup>18</sup>. Em linhas gerais, a preocupação de Braudel consiste em estabelecer alguma relação sincrônica com os problemas de determinado tempo histórico, como por exemplo, a economia capitalista holandesa do século XVII, com a as sociedades servis e escravistas. A superestrutura da economia capitalista, ou seja, o centro econômico (e hegemônico) global, segundo Braudel, necessariamente depende dos abastecimentos provenientes da periferia<sup>19</sup>.

Nas questões relacionadas à “revolução industrial”, Fernand Braudel critica as análises que compreendem este acontecimento como uma ruptura para a sociedade moderna, que não levassem em consideração o seu processo mais abrangente. Para o autor, a Inglaterra, de fato, conseguiu se convergir num Estado nacional, cujas transformações, agrícola, política, financeira e industrial, se deram pelas necessidades de inovações da vida material. Além disso, a cidade de Londres representava o centro político e econômico que modelou, com o passar do tempo, o mercado inglês. Este aspecto caracterizou a diferença

---

<sup>18</sup> Segundo Braudel: “No caso da Europa e das zonas que ela anexa, operou-se uma centragem na década de 1380, em benefício de Veneza. Por volta de 1500, houve um salto brusco e gigantesco de Veneza para Antuérpia, depois, em 1550-1560, um retorno ao Mediterrâneo, mas desta vez em favor de Gênova; enfim, por volta de 1590-1610, uma transferência para Amsterdam, onde o centro econômico da zona européia se estabilizará por quase dois séculos. Entre 1790 e 1815 deslocar-se-á para Londres. Em 1929, atravessa o Atlântico e situa-se em Nova Iorque”. (BRAUDEL, 1987, p. 31).

<sup>19</sup> De acordo com Braudel (1987, p. 33): “no fim de contas, foi a Europa Ocidental quem transferiu e como que reinventou a escravatura à moda antiga no âmbito do Novo Mundo e, pelas exigências de sua economia, “induziu” a segunda servidão na Europa do leste. Daí o peso da afirmação de Immanuel Wallerstein: o capitalismo é uma criação da desigualdade do mundo; para desenvolver-se, necessita das conivências da economia internacional. É filho da organização autoritária de um espaço evidentemente desmedido. Não teria progredido de um modo tão pujante num espaço econômico limitado. Talvez não tivesse progredido nada sem o recurso ao trabalho servil de outrem”.

com as Províncias Unidas que não se preocuparam em fomentar o desenvolvimento de um mercado interno, de acordo com Braudel.

O problema que Braudel (1987, p. 36) procura analisar, recai justamente sobre como a industrialização da Inglaterra se harmoniza com outros modelos econômicos, numa perspectiva sistêmica, e, em que medida este fenômeno se integra com a história geral do capitalismo. A revolução industrial, afirma Braudel, foi um movimento lento e gradual, e, portanto, com um grau de dificuldade de discernimento sobre o seu marco inicial, isto é, “[...] a palavra revolução e aqui, como sempre, empregada numa acepção contrária. Uma revolução, segundo a etimologia, é o movimento de uma roda, de um astro que gira, um movimento rápido: desde o instante em que começa, sabe-se que está fadado a terminar bastante depressa”. (BRAUDEL, 1987, p. 37).

## **IMMANUEL WALLERSTEIN E O CONCEITO DE CAPITALISMO HISTÓRICO**

Na esteira da perspectiva metodológica braudeliiana, o sociólogo Immanuel Wallerstein se propõe a uma análise do capitalismo de longa duração. Partindo do método indutivo<sup>20</sup>, cujo objetivo consiste numa explicação empírica a luz dos processos históricos, Wallerstein critica os autores marxistas, pois, para o autor, estes escreveram a respeito do capitalismo com análises de tipo lógico-dedutivo<sup>21</sup>. De acordo com Wallerstein, o capitalismo é um fenômeno que deve ser compreendido a partir de suas manifestações concretas, ou seja, em seus âmbitos, econômico, político, ideológico e cultural. Segundo Wallerstein, o capitalismo é um sistema histórico que possui uma realidade singular concreta. Com objetivo de procurar compreender sobre o que seria o capitalismo, o autor orienta para a necessidade de procurar descrever suas origens, sua formação, bem como suas perspectivas atuais, para que se possa analisar a sua configuração real, de como o capitalismo tem sido na prática.

Com a finalidade de definir o capitalismo histórico, Wallerstein afirma que o capital, a partir desta fase, passou a ser usado de maneira especial tendo como objetivo a expansão do modelo econômico. No entanto, a análise do processo histórico do capitalismo é algo

---

<sup>20</sup> Ao fazermos uma inferência indutiva, partimos de uma proposição particular (ou caso particular), para chegarmos a uma conclusão universal ou lei geral.

<sup>21</sup> Ao fazermos uma inferência dedutiva, partimos de uma proposição universal (ou lei geral), para chegarmos a uma conclusão particular (ou caso particular).

não linear, ou seja, ao longo das relações sociais desde o início da economia de mercado, tem se mostrado como algo sinuoso. O capital, portanto, se objetiva em adquirir mais capital ao longo de todo o seu circuito, que não eram completados antes dos tempos modernos. A fim de elucidar esta explicação, Wallerstein utiliza como exemplo hipotético, um capitalista que procura compelir as pessoas ao trabalho com vistas à produção e reprodução do comércio, com o objetivo de obter lucro. Os elementos que não havia anteriormente, e que, agora estão presentes nos tempos modernos correspondem à existência de um estoque de dinheiro acumulado, de uma mão de obra disponível e de uma rede de distribuidores e compradores com poder de compra.

Para Wallerstein, o capitalismo histórico consiste numa ampla mercantilização dos processos, não somente de troca, mas também de produção e de investimentos. O processo de produção se vincula a outras cadeias mercantis complexas, na qual, “a taxa de acumulação para todos os ‘capitalistas’, vistos em seu conjunto, dependia do tamanho da margem que podia ser criada” (WALLERSTEIN, 2004, p. 16). As relações de poder se assentavam na capacidade dos capitalistas no controle da força de trabalho e nas decisões políticas que regulamentavam as operações mercantis<sup>22</sup>, conhecidas em geral como monopólio, segundo o Wallerstein. Relacionando aos dias atuais, podemos relacionar ao processo produtivo de grandes empresas dos diversos setores da atividade econômica, que se apresenta bastante fragmentado em diversas etapas, prevalecendo os trabalhos por projetos, mediados por coordenadores das áreas específicas, que terceirizam etapas da produção, responsáveis por realizar a exploração do trabalho. As cadeias globais de valor que se caracterizam por uma terceirização “disfarçada” são possíveis mediante a organização de empresas-rede e por meio do remodelamento dos setores da economia, que recoloca o trabalhador no mercado de trabalho em modalidades novas de contrato.

Nas questões relacionadas ao conceito de capitalismo histórico, Wallerstein aponta que a primeira contradição se refere à redução dos custos da produção, em que levou ao favorecimento de alguns em detrimento de outros, que agiam com vistas a aumentar a sua participação em detrimento de uma margem global e não o seu contrário. Há, aqui, uma relação com o que Braudel mostra sobre os privilegiados e os não-privilegiados, embora este esteja presente em outras temporalidades históricas. A segunda contradição, conforme

---

<sup>22</sup> De acordo com Wallerstein, estes fatores criaram as contradições do sistema capitalista. (WALLERSTEIN, 2004, p. 16).

indica Wallerstein (2004, p. 17), era a de que, quanto mais o capital se acumulava, mais os processos se tornavam mercantilizados, bem como, mais mercadorias eram produzidas. Estes esforços se objetivavam por reduzir, cada vez mais, os custos com processo de produção e com a distribuição e circulação do dinheiro.

A economia capitalista<sup>23</sup> se caracteriza pela intenção racional em maximizar a acumulação, de acordo com Wallerstein (2004). O capitalismo histórico consiste em atividades produtivas cujo objetivo é a acumulação incessante do capital, e esta é a lei geral. A gênese deste sistema social se situa na Europa no final do século XV e se expande até cobrir o planeta, até meados do final do século XIX<sup>24</sup>. Trata-se, portanto, de uma orientação indutiva, em que o objetivo consiste em analisar as razões e motivações da produção de acumulação de capital que passa a se orientar submetido às regras (e as leis) do mercado.

Como operam os produtores para aumentar sua capacidade de acumular capital? A força de trabalho sempre foi um elemento central e quantitativamente significativo do processo de produção. Para acumular, o produtor se preocupa com dois aspectos da força de trabalho: disponibilidade e custo. O problema da disponibilidade tem sido colocado da seguinte maneira: relações sociais de produção fixas (ou seja, uma força de trabalho estável para um determinado produtor) podem ter baixo custo se o mercado for estável e a quantidade de força de trabalho for ótima em um momento dado. Mas, se o mercado para o produto declinar, uma força de trabalho estável aumenta o custo real do produtor; e se esse mercado crescer, uma força de trabalho estável impossibilita o produtor de aproveitar a oportunidade do lucro. (WALLERSTEIN, 2004, p. 20).

Wallerstein chama atenção para o fato de que, os capitalistas precisam de alguma forma, serem habilidosos para se ganhar algo. A capacidade de acumulação de capital se deve em grande medida, pela questão exploração da força de trabalho. É justamente nesse sentido, que se insere a terceira contradição, pois se refere à questão da natureza da força de trabalho e da emergência do trabalho assalariado. No capitalismo histórico há uma correlação entre a divisão do trabalho e a valorização do trabalho. O que diferencia o tipo de trabalho no capitalismo histórico é a questão de gênero, ou seja, a ênfase dada num tipo

---

<sup>23</sup> A primeira prerrogativa é a de que o capitalismo histórico criou o *homo economicus*.

<sup>24</sup> Um dos questionamentos colocados por Wallerstein corresponde: “podemos considerar uma determinada área situada no interior de um determinado momento como verdadeiramente ‘integrada’ à economia-mundo capitalista?” (WALLERSTEIN, 2004, p. 18).

de trabalho masculino e adulto. No entanto, há, ao mesmo tempo, o trabalho realizado em estruturas emergentes do capitalismo histórico<sup>25</sup>.

De acordo com Wallerstein (2004, p. 26), mediante uma análise empírica da realidade global durante o capitalismo histórico, os trabalhadores assalariados vinculam-se mais às unidades semiproletárias, ao invés das unidades proletárias. Esta constatação, o levou o autor a buscar compreender as razões que levaram a proletarização.

Antes de tudo, como acabamos de argumentar, a transformação de um número significativo de unidades semiproletárias em unidades proletárias em determinada área tendeu a aumentar o nível do salário mínimo real pago pelos empregadores de trabalho assalariado. Em segundo lugar, como veremos depois, o aumento da proletarização teve, para os empregadores, consequências políticas negativas e, além disso, cumulativas, terminando por aumentar ainda mais os níveis dos salários em certas áreas. (WALLERSTEIN, 2004, p. 26-7).

Wallerstein chama a atenção para o fato de que o advento da etnicidade, que contribuiu “para uma moldura cultural” em que consolida os padrões estruturais das unidades semiproletárias, tenha contribuído para dividir as classes trabalhadoras, porém, a proletarização, não foi o primeiro motor do processo, segundo o autor. A preocupação, nesta perspectiva, se direciona em procurar explicar a questão das cadeias mercantis que abrigam as múltiplas atividades produtivas. Nestas cadeias, se envolve as trocas entre produtores entre os mercados intermediários, ou seja, é nesse sentido, que a oferta e a procura determinam as lutas sociais<sup>26</sup>.

Segundo Wallerstein as cadeias mercantis assumem uma forma centrípeta, pois não se estabelecem de modo aleatório, no curso do desenvolvimento do capitalismo histórico. Ou seja, “falar de cadeias mercantis significa falar de uma divisão social estendida do trabalho [...] tornou-se cada vez mais funcional e mais ampliada geograficamente, e ao mesmo tempo cada vez mais hierárquica”. (WALLERSTEIN, 2004, p. 28).

---

<sup>25</sup> Segundo Wallerstein, “como ideologia, essas distinções ajudaram a garantir que a mercantilização do trabalho se estendesse mas, ao mesmo tempo, permanecesse limitada. Se, na economia-mundo, calculássemos quantas unidades domiciliares objetivaram do trabalho assalariado, realizado fora da casa, mais da metade dos seus ganhos reais (ou de sua renda sob todas as formas), acho que ficaríamos espantados com o baixo percentual; não me refiro apenas aos séculos passados, mas também ao mundo de hoje, embora essa porcentagem venha crescendo regularmente ao longo da história da economia-mundo capitalista”. (WALLERSTEIN, 2004, p. 25).

<sup>26</sup> De acordo com Wallerstein, primeiro, a oferta e a procura podem ser manipuladas por práticas monopolistas, e, segundo, há uma integração entre o vendedor e o comprador (WALLERSTEIN, 2004, p. 27-8).

A estrutura da economia-mundo capitalista leva a uma aparente separação entre o espaço da economia e o espaço da política, segundo Wallerstein (2004, p. 31). Esta integração vertical, portanto, se caracteriza pela ampliação de vantagens para os produtores dos grandes centros. A competição acirrada é uma *differentia specifica* do capitalismo histórico<sup>27</sup>, embora isso ocorra mediante ciclos alternados de expansão e de estagnação. Outro fator importante observado por Wallerstein em relação ao capitalismo histórico corresponde à transnacionalização das cadeias mercantis que atravessam as fronteiras dos Estados. A crise de superprodução, por exemplo, é um conceito “forçado” para explicar as crises sistêmicas do capital, ou seja, tal fenômeno corresponde a uma desproporção de investimentos, de acordo com Wallerstein.

Os rearranjos do fenômeno da transferência para o capitalismo histórico gerou algumas consequências, conforme explica Wallerstein (2004): i) a permanente reestruturação geográfica do sistema mundo capitalista, o que acaba por gerar mais valor, mas que ainda se preserva as cadeias hierarquicamente organizadas<sup>28</sup>; ii) refere-se ao fato de que a ‘superprodução’ “chama a atenção para o fato de que os impasses de curto prazo sempre estiveram ligados à ausência de uma demanda mundial suficiente para alguns produtos essenciais do sistema” (WALLERSTEIN, 2004, p. 34), o autor observa que a força de trabalho buscou historicamente aumentar a sua renda real, mediante participação nos excedentes, bem como incentivar oportunidades extras para se levar adiante as lutas de classes, ou seja, Wallerstein está colocando a perspectiva de classes sociais nas mesmas condições de inserção nas esferas produtivas e política; e iii) o aumento da expansão geográfica como consequência destes rearranjos cíclicos é um paradoxo, isto é, por um lado, afirmou-se que a histórica polarização da distribuição teve relação com a contínua concentração de capital; e, por outro lado, observou-se um processo lento, mas estável de polarização.

Outro aspecto observado por Wallerstein é a constatação empírica de que há um aumento do capitalismo histórico em seu âmbito geográfico. Há, portanto, mediante “arrancos periódicos”, a incorporação de novas áreas à divisão social do trabalho.

---

<sup>27</sup> Segundo Wallerstein: “o que é notável no capitalismo como sistema histórico é a maneira como essa troca desigual pode ser escondida; foi tão bem escondida que até mesmo os oponentes confessos do sistema só começaram a desvela-la, de forma sistemática, quinhentos anos depois”. (WALLERSTEIN, 2004, p. 29).

<sup>28</sup> Nesta passagem, Wallerstein faz uma crítica ao conceito de desenvolvimento, ao longo destes rearranjos cíclicos, pois não é possível, se fosse, seria mediante “a redução da polarização global do sistema” (WALLERSTEIN, 2004, p. 33).

Conforme indica Braudel, para Wallerstein, dadas as devidas exceções, “sempre foi o mundo capitalista que buscou os produtos das regiões externas a ele, e não o contrário” (WALLERSTEIN, 2004, p. 36). Segundo Wallerstein (2004, p. 36), a busca de mercados não se sustenta como explicação, ou seja, a busca por força de trabalho de baixo custo é uma explicação mais plausível, ou seja, nos níveis salariais hierárquicos do sistema mais baixos.

## OS CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO NA PERSPECTIVA DE GIOVANNI ARRIGHI

Nos estudos sobre a história da economia capitalista mundial, vimos a importância das contribuições do economista Giovanni Arrighi. Tomando como foco as mudanças na organização dos processos de produção e de troca, o ponto de partida da investigação de Giovanni Arrighi (1996) se fundamenta na afirmação de Fernand Braudel de que as características essenciais do capitalismo histórico em sua *longue durée* – isto é, durante toda a sua existência – foram a ‘flexibilidade’ e o ‘eclétismo’ do capital, e não as formas concretas assumidas por ele em diferentes lugares e épocas.

A capacidade de adaptação e de mudanças no capitalismo, comparando com os dias atuais, despertou o interesse de Arrighi, cujo objetivo corresponde a uma análise comparativa dos sucessivos ciclos sistêmicos de acumulação, buscando identificar: i) os padrões de recorrência e evolução, que se reproduzem na atual fase de expansão financeira e reestruturação sistêmica; ii) as anomalias da atual fase de expansão financeira, que podem levar a um rompimento com padrões anteriores de recorrência e evolução<sup>29</sup> (ARRIGHI, 1996, p. 6).

[...] Tal como na fórmula geral de Marx sobre o capital (DMD’), aquilo que, na definição braudeliana do capitalismo, faz com que um agente ou uma camada social sejam capitalistas não é sua predisposição a investir num dado produto ou esfera de atividade. Um agente é capitalista em virtude do fato de seu dinheiro ser sistemática e persistentemente dotado

---

<sup>29</sup> Nesta passagem, Arrighi explica: “Na verdade, não há consenso na literatura sobre o que indicam as flutuações de preços a longo prazo – quer as do tipo logístico ou as de Kondratieff. Elas certamente não são indicadores fidedignos das contrações e expansões do que quer que haja de especificamente capitalista no moderno sistema mundial. [...] Tampouco a logística de preços de Kondratieff parecem ser fenômenos especificamente capitalistas. É interessante notar que, na síntese de Joshua Goldstein sobre as constatações empíricas e as justificações teóricas dos estudos das ondas longas, a noção de ‘capitalismo’ não desempenha papel algum.”. (ARRIGHI, 1996, p. 7).

da ‘capacidade de multiplicar-se’ (expressão de Marx), seja qual for a natureza das mercadorias e atividades específicas que constituem, num dado momento, o meio contingente. (ARRIGHI, 1996, p. 8).

Neste trecho, podemos observar a crítica de Giovanni Arrighi à perspectiva de Marx, na qual o autor se fundamenta a partir da noção de ciclos sistêmicos de acumulação, cuja dedução se refere à observação histórica de Braudel, em que as “expansões financeiras reiteradas, é uma decorrência lógica dessa relação estritamente instrumental do capitalismo com o mundo do comércio e da produção não mais atende, com tanta eficiência quanto as negociações puramente financeiras, ao objetivo de aumentar o fluxo monetário que vai para a camada capitalista” (ARRIGHI, 1996, p. 8). O capital investido no comércio e na produção nesta situação tem a tendência de retornar a sua forma monetária e a se acumular mais diretamente, como na fórmula marxista abreviada (DD’), conforme indica Arrighi. Isto é, os ciclos sistêmicos de acumulação, ao contrário da logística de preços e dos ciclos de Kondratieff, são, portanto, fenômenos intrinsecamente capitalistas (ARRIGHI, 1996, p. 8).

Arrighi afirma que sua concepção de ciclos sistêmicos parcialmente superpostos se assemelha ao ‘modelo de metamorfose’ do desenvolvimento socioeconômico de Mensch, que abandona a teoria de que a economia se desenvolveu em ondas, defendendo a teoria de que ela evoluiu por uma série de impulsos inovadores intermitentes, que assumem a forma de ciclos sucessivos em forma de S’ (ARRIGHI, 1996, p. 9).

As expansões e reestruturações da economia capitalista mundial têm ocorrido, antes, sob a liderança de determinadas comunidades e blocos de agentes governamentais e empresariais, singularmente bem-posicionados para tirar proveito das consequências não pretendidas dos atos de outros agentes. (ARRIGHI, 1996, p. 10).

O principal objetivo de Giovanni Arrighi em relação ao conceito de ciclos sistêmicos é “descrever e elucidar a formação, consolidação e desintegração dos sucessivos regimes pelos quais a economia capitalista mundial se expandiu, desde seu embrião subsistêmico do fim da Idade Média até sua dimensão global da atualidade”. É justamente nesse sentido, que Arrighi (1996) critica a visão tradicional das Ciências Sociais de que economia de mercado e capitalismo são as mesmas coisas. Nesse sentido, se apropria da perspectiva de Braudel de que o capitalismo é dependente do poder do Estado.

O cerne principal do problema levantado pela perspectiva metodológica do capitalismo de longa duração consiste em compreender quando e como capitalismo ergueu-

se acima das estruturas da economia mundial de mercado, na qual, com o passar do tempo, adquiriu o poder de moldar de forma inteiramente nova os mercados e as vidas do mundo inteiro (ARRIGHI, 1996, p. 11). Da mesma maneira que Braudel, Arrighi (1996) também observa a fusão do Estado com o capital, como um elemento fundamental para esta transição. Arrighi (1996) destaca que Weber assinalou a competição interestatal pelo capital circulante, que “foi um componente crucial de toda e qualquer fase de expansão financeira, bem como um fator de vulto na formação dos blocos de organizações governamentais que conduziram a economia capitalista mundial por sucessivas fases de expansão material” (ARRIGHI, 1996, p. 12-3<sup>30</sup>).

Assim, vê-se que a expansão do poder capitalista nos últimos quinhentos anos esteve associada não apenas à competição interestatal pelo capital circulante, como enfatizou Weber, mas também à formação de estruturas políticas dotadas de capacidades organizacionais cada vez mais amplas e complexas para controlar o meio social e político em que se realizava a acumulação do capital em escala mundial. (ARRIGHI, 1996, p. 14).

Arrighi (1996) procura mostrar que a conquista das aptidões organizacionais resultou mais em vantagens de posicionamento na configuração espacial do que inovação em si. Ao longo dos ciclos sistêmicos de acumulação, se observa que, além de o sucessor “copiar” e incrementar elementos novos em relação ao antecessor, a mudança está também associada a uma profunda revolução organizacional.

O poder capitalista no sistema mundial não pode expandir-se indefinidamente sem minar a concorrência interestatal<sup>31</sup> pelo capital circulante em que se apoia tal expansão. Mais cedo ou mais tarde, chega-se a um ponto em que as alianças entre os poderes do Estado e do capital, firmadas em resposta a essa concorrência, tornam-se tão impressionantes que eliminam a própria competição e, por conseguinte, a possibilidade de emergência de novas potências capitalistas de ordem superior. (ARRIGHI, 1996, p. 19).

Adam Smith observou que os “‘descobrimientos’ europeus da América e de uma passagem para as Índias Orientais, através do cabo da Boa Esperança, um momento decisivo na história mundial”, conforme explica Giovanni Arrighi (1996, p. 19). Há,

---

<sup>30</sup> De acordo com Arrighi: “[...] O que impulsionou a prodigiosa expansão da economia mundial capitalista nos últimos quinhentos anos, em outras palavras, não foi a concorrência aliada a uma concentração cada vez maior do poder capitalista no sistema mundial como um todo” (ARRIGHI, 1996, p. 13).

<sup>31</sup> Nesta passagem, Arrighi (1996) a partir da expansão financeira do Japão resultar no beneficiamento do capital japonês pela assistência econômica prestada pelos Estados Unidos.

portanto, uma relação com a perspectiva de Braudel<sup>32</sup> sobre a formação da economia capitalista, em que o longo horizonte temporal que se descortina, deve se tornar objeto para análise e avaliação das consequências deste processo, bem como a centralidade na determinação de como se organiza a economia mundial, e, a questão do “ocidente conquistador e a relação com o não-ocidente conquistado” (ARRIGHI, 1996, p. 20).

A hegemonia desta ordem mundial, encabeçada pelos grandes centros figurados nos ciclos sistêmicos de acumulação, ou seja, do Ocidente, confere à força motriz do capitalismo. A hegemonia mundial, portanto, corresponde “à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas” (ARRIGHI, 1996, p. 27). Desse modo, o capitalismo historicamente se preocupou em integrar outros países do terceiro mundo.

Sobre as organizações da economia mundo, é preciso perceber que Arrighi (1996, p. 23) procura compreender o processo de formação e expansão do moderno sistema interestatal como *locus* primário do poder mundial, cujo enlace histórico remonta o sistema da Europa medieval, ou seja, desde os tempos do poder conjunto do papa e do imperador. Este, por sua vez, deu lugar a emergência de sistema mais amplos de Estados nacionais, ou seja, o sistema de Westfália<sup>33</sup>.

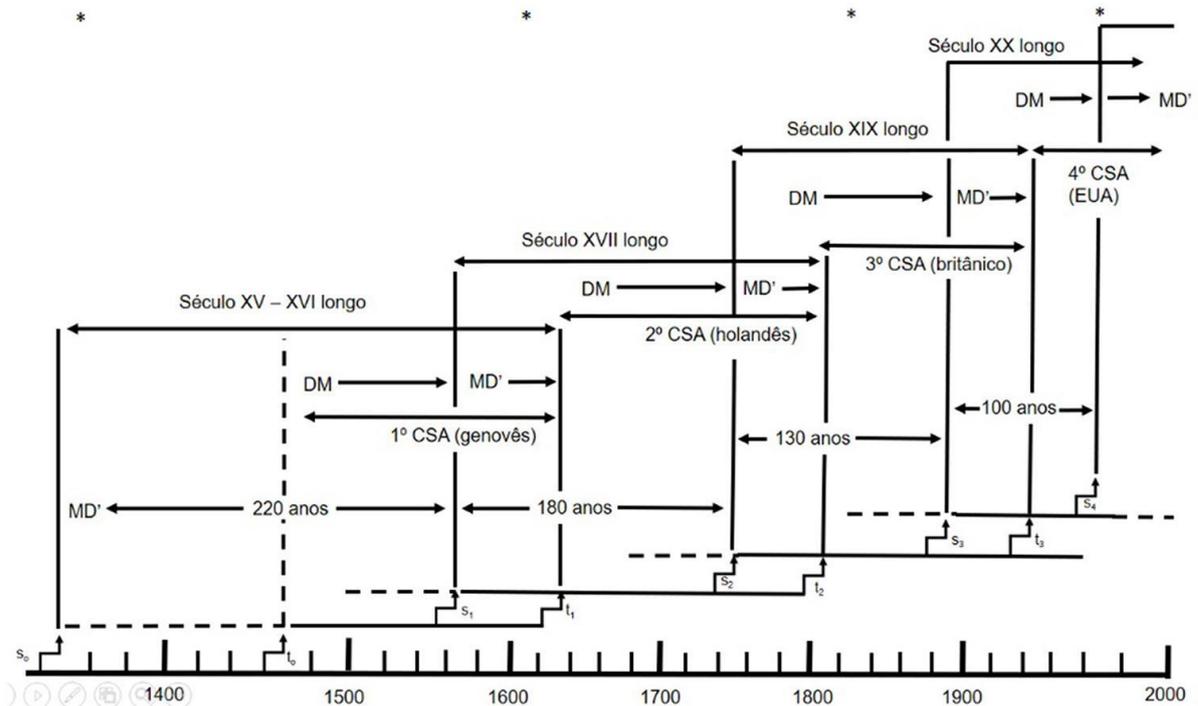
Para efeitos de ilustração, inserimos na imagem abaixo, uma adaptação do esquema elaborado por Giovanni Arrighi para explicar os séculos longos e ciclos sistêmicos de acumulação (CSA), exposto por (RIBEIRO; DINIZ, 2017).

### **Imagem I: ciclos sistêmicos de acumulação**

---

<sup>32</sup> Nesta passagem, tem uma relação interessante das análises de Arrighi com a perspectiva de Braudel, nas análises de sistema mundo: “Braudel também nos convidou a deixar por algum tempo a esfera ruidosa e transparente da economia de mercado e a acompanhar o dono do dinheiro até outro domicílio oculto, onde só se é admitido a negócios, mas que fica um andar acima, e não um andar abaixo do mercado. Ali, o dono do dinheiro encontra-se com o dono, não da força de trabalho, mas do poder político. E ali, prometeu Braudel, desvendaremos o segredo da obtenção dos grandes e sistemáticos lucros que permitiram ao capitalismo prosperar e se expandir ‘indefinidamente’ nos últimos quinhentos ou seiscentos anos, antes e depois de suas incursões nos domicílios ocultos da produção”. (ARRIGHI, 1996, p. 25).

<sup>33</sup> A formação dos Estados Nacionais e a competição entre os Estados, bem como no reconhecimento da autoridade de cada Estado dentro de seu território, acarretou na concepção do o sistema de Westfália. Este “tratado” buscou considerar os princípios reconhecidos pelo Tratado de Munster, assinado em 1648, no contexto que encerrou a Guerra dos Trinta Anos na Europa. Dentre as características, à luz da reflexão sobre a relação entre capital e Estado, as características deste sistema, conforme David Held em *Models of Democracy* são: o mundo consiste em Estados soberanos que não reconhecem uma autoridade maior do que eles; a cada Estado, cabem as funções de fazer leis, aplicá-las e julgar disputas dentro de seu território; e, o direito internacional tem como objetivo garantir algumas regras mínimas de coexistência entre os Estados.



Fonte: Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-99962017000200351](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962017000200351). Acesso: set. 2018.

Nas explicações sobre os ciclos sistêmicos de acumulação, no âmbito da concepção de capitalismo de longa duração, Giovanni Arrighi afirma que:

O aspecto principal do perfil temporal do capitalismo histórico [...] é a estrutura semelhante de todos os séculos longos. Todos esses constructos consistem em três segmentos ou períodos distintos: 1) um primeiro período de expansão financeira; 2) um período de consolidação e desenvolvimento adicional do novo regime de acumulação; 3) um segundo período de expansão financeira, na qual surgem contradições no regime de acumulação que dão espaços a regimes concorrentes e alternativos. (ARRIGHI, 1996, p. 219).

Nesse sentido, os esforços de Giovanni Arrighi em seus estudos sobre o longo século XX, procuram trazer respostas a duas questões entrelaçadas, por um lado, “que forças estão em processo de precipitar a crise terminal do regime de acumulação norte-americano, e em que prazo devemos esperar que ela ocorra, de modo que o longo século XX chegue ao fim”, e, por outro lado, “que vias de desenvolvimento alternativas estarão ao alcance da economia mundial capitalista depois que o longo século XX houver chegado ao fim?” (ARRIGHI, 1996, p. 221).

Enfim, pode-se compreender que o desenvolvimento do capitalismo histórico como sistema mundial baseou-se na formação de blocos cosmopolitas-imperialistas que

foram ficando cada vez mais poderosos econômica e politicamente, na qual, organizações governamentais e empresariais ampliaram, funcionalmente e espacialmente, o raio de ação da economia mundial capitalista (ARRIGHI, 1996, p. 225).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre o capitalismo e a sua concepção na longa duração, a partir da contribuição dos autores analisados neste esboço, Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, foram importantes para uma reflexão sobre teoria e método nas Ciências Sociais, bem como o papel do cientista. É importante observar e reconhecer as dificuldades em se analisar (de modo empírico) e, portanto, preciso, a respeito da tentativa de se estabelecer um marco, envoltos aos processos históricos, da gênese do capitalismo. A orientação dos estudos na perspectiva do capitalismo histórico aponta para a necessidade de procurar compreender a dinâmica gerada por agentes que tem propósitos, interesses, objetivos e atribuem significados as relações sociais objetivas, segundo Max Weber<sup>34</sup>. Os estudos sobre o capitalismo de longa duração se realizam pela necessidade de compreender as relações econômicas que foram desenvolvidas com a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, isto é, conforme aponta Braudel em que é preciso estudar o capitalismo explorando o seu próprio lar, na casa dos negócios.

É preciso considerar a importância destas análises para se precisar, no âmbito da discussão da história econômica, os conceitos nas relações de trabalho utilizados nestas questões da *vida material* em uma análise do processo histórico em sua totalidade. Entretanto, há que se considerar também, sobretudo quando se pensa numa mudança, na longa duração, ainda que não se tenha se iniciado a partir da Revolução Industrial, as teorias que buscam compreender sobre a exploração (com intensidade) do valor trabalho, como por exemplo, o marxismo e o método dialético, a partir da consolidação do capitalismo no século XIX.

Os estudos cujo foco se volta mais para a análise da categoria trabalho, na qual, no capitalismo, sobretudo em sua fase de intensificação da produção industrial no decorrer do

---

<sup>34</sup> No documentário da Univesp TV sobre *Os clássicos da Sociologia: Max Weber*, o sociólogo Gabriel Cohn ilustra o método weberiano da seguinte maneira: “você não pode simplesmente embarcar na minha canoa do meu tempo, ela é pequena, possivelmente furada e ela não traz [...] ela não vai a todos os portos e nem sequer enxergar a todos os pontos da margem [...]”.

século XIX, elemento central de exploração e acumulação de riquezas se fundamenta no trabalho livre e na venda da força de trabalho. E este é um ponto essencial que move a dinâmica da estrutura social, sobretudo nos dois últimos séculos. Compreender a forma como o trabalho se realiza, as condições de trabalho e como o processo produtivo ocorre, na qual se ganha mais relevância nas mais diversas áreas das humanidades neste contexto, são indicadores importantes para se pensar de que maneira se dá a exploração sobre os trabalhadores ao longo das determinações históricas do mundo do trabalho.

A tentativa de compreensão da realidade social, que muitas vezes se sucede a um projeto de sociedade<sup>35</sup>. Embora possa haver alguma imprecisão conceitual, como por exemplo, as teorias do campo do marxismo, ou mesmo de definição de um marco temporal, pode-se perceber a existência de uma tentativa, de ações de possíveis agentes que se voltam para uma ação de rompimento, de mudança com a lógica de privilegiados contra os não-privilegiados, conforme ilustrou Braudel. Trata-se, portanto, de permanente necessidade de reflexão sobre a ciência, a metodologia e a práxis, os limites, desafios e possibilidades do cientista, como agente, ou não, de mudança social. Enfim, deve-se registrar a importância dos estudos da abordagem do capitalismo de longa duração, na qual “o imbricamento entre o Estado e os interesses do grande capital, como elemento fundamental para a compreensão da realidade capitalista” (VIEIRA, 2015, p. 10), para se pensar o exercício teórico-metodológico para o entendimento da nossa sociedade dos dias atuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo.**

Contraponto: São Paulo; Editora UNESP, 1996.

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

---

<sup>35</sup> Sobre a relação entre a ciência e a elaboração de um projeto de sociedade, podemos ilustrar, conforme afirma Luckács: “A dialética materialista é uma dialética revolucionária. Essa determinação é tão importante e de um peso tão decisivo para compreensão de sua essência, que, antes mesmo de discorrermos sobre o método dialético em si, temos de entendê-la para abordarmos o problema de forma correta. Trata-se aqui de uma questão de teoria e da prática, e não somente no sentido que Marx a entendia em sua primeira crítica hegeliana, quando dizia que a “teoria torna-se força material desde que se apodere das massas”. Trata-se, antes, de investigar, tanto na teoria como na maneira como ela penetra nas massas, esses momentos e essas determinações que fazem da teoria, do método dialético, o veículo da revolução; trata-se, por fim, de desenvolver a essência prática da teoria a partir da teoria e da relação que estabelece com seu objeto”. (LUKÁCS, 2012, p. 64-5).

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista.

São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; DINIZ, Nelson. **Financeirização, mercantilização e reestruturação espaço-temporal**: reflexões a partir do enfoque dos ciclos sistêmicos de acumulação e da teoria do duplo movimento. Cadernos Metrópole. vol. 19 n° 39. São Paulo, may/aug. 2017.

VIEIRA, Rosângela de Lima. **Contribuições da EPSM para estudos nas relações internacionais**. 5° encontro Nacional da ABRI. Belo Horizonte, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Análisis de sistemas-mundo**: una introducción. México: Siglo Veintiuno Editores. 2005.

\_\_\_\_\_. **O Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para abrir as Ciências Sociais** (Comissão Gulbenkian para reestruturação das Ciências Sociais). São Paulo: Cortez, 1996.

Submetido em fevereiro de 2021

Aceito em abril de 2021